

A VIDA URBANA E AS RURALIDADES NAS CIDADES PEQUENAS DO TERRITÓRIO DO SISAL/BAHIA/BRASIL¹

THE URBAN LIFE AND THE RURALITIES
IN THE SMALL CITIES OF THE SISAL
TERRITORY/BAHIA/BRAZIL

Onildo Araujo da Silva² e Edinusia Moreira Carneiro Santos³

Resumo

Este texto apresenta parte dos resultados de uma pesquisa mais ampla, que focou a investigação das atividades rurais realizadas por residentes urbanos de cidades pequenas localizadas no Território do Sisal no estado da Bahia, e a articulação desses residentes com o espaço rural. Os procedimentos utilizados para realização da pesquisa, além da análise do estado da arte sobre as cidades pequenas, foram: a realização de trabalho de campo de reconhecimento das cidades que demonstrou heterogeneidade entre as mesmas, levantamento de dados secundários (econômicos e sociais) utilizados para o estabelecimento de critérios para a retirada da amostra de cidades onde foi feita a coleta de dados primários através da aplicação de formulários aos residentes nas cidades, que nos permitiu construir os argumentos apresentados neste artigo.

Palavras-chave: cidade pequena, ruralidade, espaço urbano.

Abstract

This text presents part of the results of a broader research, which focused on the investigation of rural activities carried out by urban residents of small towns located in the Territory of Sisal in the state of Bahia, and the articulation of these residents with the rural space. The procedures used to perform the research, in addition to the analysis of the state of the art in small towns, were: fieldwork to recognize cities that showed heterogeneity among them, survey of secondary data (economic and social) used for the establishment of criteria for taking the sample from cities where primary data was collected through the application of forms to the city residents, which allowed us to build the arguments presented in this article.

Keywords: small cities, ruralities, urban space.

1 Esse artigo resulta de pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) ao qual agradecemos o apoio. Em tempo registramos também nosso agradecimento a equipe da pesquisa que muito colaborou para o desenvolvimento e consolidação dos argumentos aqui defendidos.

2 Professor Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana. Doutor em Geografia.

3 Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana. Doutora em Geografia.

Introdução

A *dinâmica urbano-rural e a reorganização do espaço nas pequenas cidades do Território do Sisal no Estado da Bahia-Brasil: da reestruturação da cadeia produtiva do sisal à consolidação do tecido associativo (1990 – 2014)*⁴, foi o título da pesquisa que realizamos entre os anos de 2015 a 2018, com o objetivo de investigar a organização espacial das cidades pequenas com foco na relação urbano-rural.

Para a concretização da pesquisa foi realizada uma caracterização das cidades pequenas a partir de dados secundários, trabalhos de campo, registro fotográfico e aplicação de formulários aos residentes das cidades de Lamarão, Queimadas, Valente, Tucano, Teofilândia e Retirolândia, perfazendo um total de 1.565 formulários aplicados a pessoas residentes com 18 anos ou mais de idade.

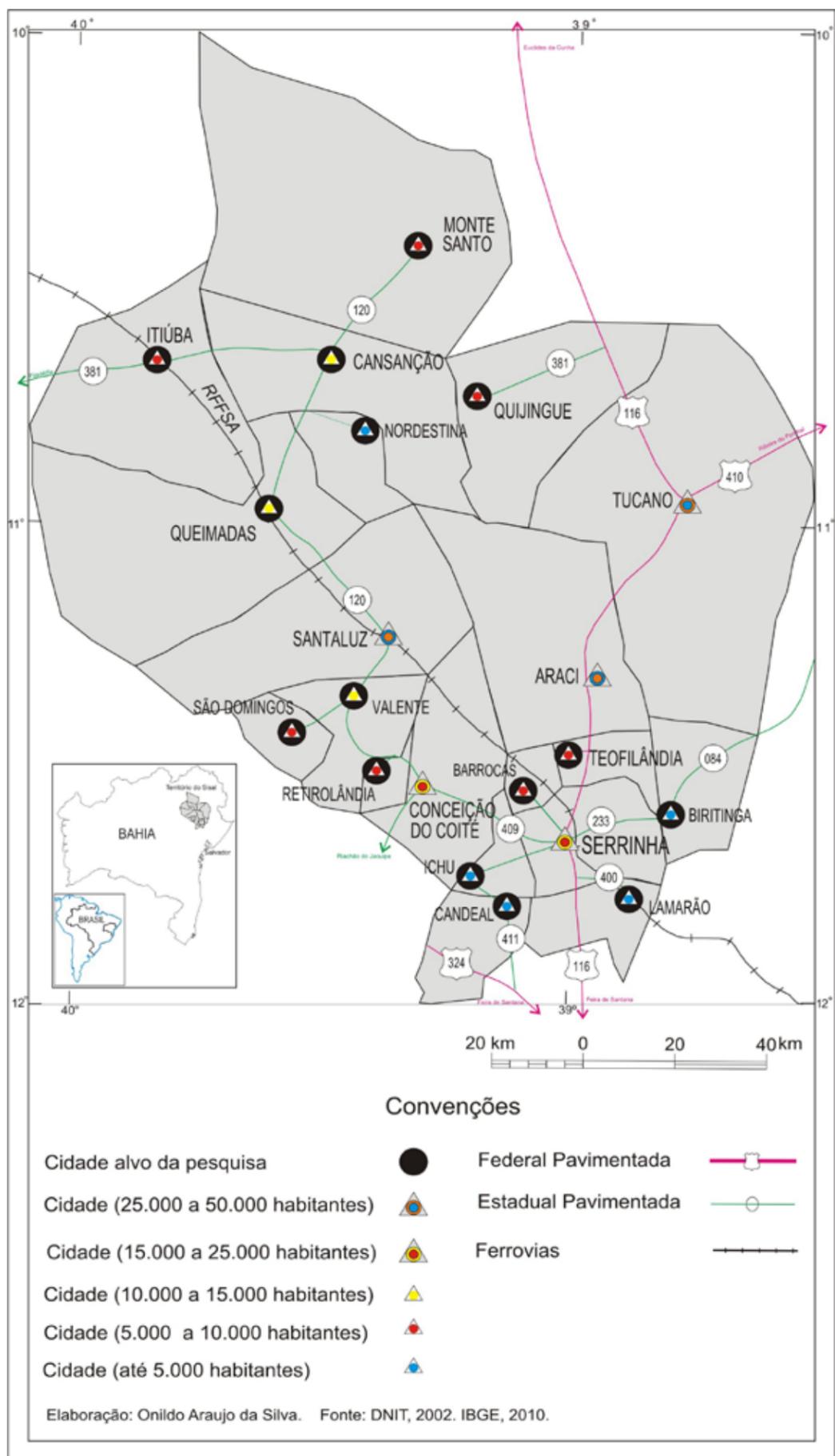
Nesse texto apresentamos parte dos resultados dessa pesquisa, focamos na investigação das atividades rurais realizadas por residentes urbanos e na articulação desses residentes com o espaço rural.

O Território do Sisal, no estado da Bahia (figura 1), é constituído por 20 municípios. Com relação às sedes desses municípios, 18 foram classificadas, pela metodologia adotada na nossa investigação, como cidade pequena. Para classificar as cidades partimos do princípio de que a cidade pequena é um lugar mundial simples, onde a densidade dos vetores da modernidade a constitui como lugar. Para caracterizar cada lugar e realizar comparativo entre eles, elegemos indicadores para a coleta de dados, a saber: PIB (serviços), empresas atuantes, arrecadação de ICMS, consumo de energia residencial, estabelecimentos de saúde, estabelecimentos de ensino médio, matrículas escolares, agências bancárias, frota de veículos e emissora de rádio e TV. A análise comparativa desses dados nos permitiu diferenciar cidades e classificá-las⁵ por semelhança.

Em síntese, são cidades pequenas onde se destacam a prestação de serviços mais básicos, um comércio pouco diversificado, pouca ou reduzida atividade industrial. Mesmo assim, elas são essenciais nas áreas de educação, saúde, lazer e cultura, pois é nelas que a população residente na zona rural, seja nos povoados ou dispersa pelas fazendas, encontra a escola para os filhos (principalmente ensino médio), hospital, serviços públicos, produtos e serviços.

4 Pesquisa executada pelo Grupo de Pesquisa em Geografia e Movimentos Sociais (GEOMOV) da Universidade Estadual de Feira de Santana (Bahia).

5 O uso dos indicadores escolhidos permite agrupá-los por faixas bem distintas, pois salta aos olhos a diferença entre os números, de forma que foi possível identificar quatro grupos de cidades, a saber: cidades onde, realizada a comparação entre cidades do Território do Sisal, os dados podem ser classificados numa faixa baixa; cidades onde, realizada a mesma comparação, os dados podem ser classificados numa faixa média; cidades onde os dados podem ser classificados numa faixa alta; cidades onde os dados se destacam sem qualquer possibilidade de agrupamento com as demais, pois, quando comparados, eles estão sempre muito acima da média. Assim, nosso procedimento, baseado nesse agrupamento, foi elaborar um quadro e contar a quantidade de vezes que a cidade aparece em cada grupo de dados, permitindo assim sua classificação. De forma mais específica, das 18 cidades do Território do Sisal, apenas em Conceição do Coité e Serrinha os dados se destacam sem qualquer possibilidade de agrupamento com as demais, de forma que consideramos essas duas cidades como médias. Todas as outras são cidades pequenas classificadas da seguinte forma: Grupo 1 - cidades pequenas pouco dinâmicas: Ichu, Candeal, Lamarão, Nordestina, São Domingos, Biritinga, Barrocas e Retirolândia; Grupo 2 - cidades pequenas dinâmicas: Teofilândia, Queimadas, Itiúba e Quijingue; Grupo 3 - cidades pequenas muito dinâmicas: Santaluz, Araci, Tucano, Cansanção, Valente e Monte Santo.



Além disso, são cidades onde os residentes podem viver num mundo urbano mais tranquilo, marcadamente menos violento, onde o trânsito, o barulho, a impessoalidade das relações ou mesmo o agitado viver urbano da cidade grande dão lugar a hábitos e costumes muito mais articulados à dinâmica do rural.

Podemos afirmar, com considerável margem de segurança, que as cidades pequenas do Território do Sisal estão totalmente inseridas na economia globalizada, no universo da sociedade da informação, pois, mesmo em menor densidade, nelas encontramos os vetores da modernidade típicos dos lugares mundiais simples, como nos chamou atenção o professor Milton Santos (1996) ao tratar da densidade e da convergência dos momentos na análise das cidades capitalistas. Portanto, um espaço adequado para a realização de uma ampla reflexão sobre a articulação entre o urbano e o rural em núcleos urbanos, cuja dinâmica é efetivamente diferente daquela que encontramos nas cidades grandes e médias.

Nesse artigo o leitor encontrará, além de uma breve nota teórica, dados coletados através da aplicação de um formulário aos residentes nas cidades pequenas e uma reflexão sobre dois aspectos fundamentais: as atividades típicas do rural exercidas pelos residentes urbanos e a relação desses mesmos residentes com a zona rural.

A cidade pequena: notas teóricas e metodológicas

É preciso reconhecer que temos, no Brasil, uma dificuldade de definição do que é uma cidade pequena. A definição oficial de cidade, ao considerar urbano toda e qualquer sede de município e distrito, dificulta a nossa tarefa, pois coloca sobre essa denominação (cidade) uma diversidade de núcleos considerados urbanos, independente de critérios de qualquer outra natureza, como número de residências ou número de habitantes, por exemplo. Em Silva (2018) encontramos uma abordagem que considera três aspectos possíveis para a construção de um caminho que defina a cidade pequena:

- a delimitação a partir do quantitativo populacional;
- a densidade das ações cotidianas que constituem os lugares;
- a inserção das aglomerações urbanas na interface urbano-rural.

Com relação à delimitação a partir do quantitativo populacional o referido autor chega à seguinte constatação:

No entanto, ainda no que se refere ao uso de um recorte com base na população, Maia (2010) argumenta que os dados populacionais não devem ser plenamente descartados na definição das cidades médias e pequenas, porém o uso exclusivo dos mesmos não dá conta da diversidade que caracteriza as cidades brasileiras. Além disso, o uso de critérios quantitativos, como o recorte a partir do número de habitantes, vai nos impor outra dificuldade. Como já salientamos essa dificuldade é gerada pela grande diversidade regional brasileira que constitui diferentes e complexos conjuntos particularizados no contexto da rede urbana nacional. Uma cidade com 10.000 habitantes em Roraima ou no Maranhão, por exemplo, provavelmente será diferente e tem uma inserção diferenciada na rede urbana regional do que um núcleo com 10.000 habitantes no Estado de São Paulo. [...] Ou seja, argumentamos que o uso de um recorte com base no quantitativo populacional realmente não é suficiente para definirmos

se uma cidade é pequena, o que impõe a necessidade de buscarmos outros aspectos que nos permitam ampliar o foco nas nossas análises (SILVA, 2018, p. 206).

Uma vez constatada a insuficiência de uma definição simplesmente baseada no número de habitantes partimos para outro aspecto relevante que pode ser considerado: a densidade das ações cotidianas que constituem os lugares. Assim:

[...] é possível interpretar o lugar no contexto da Geografia, tomando como referência duas distintas e recentes abordagens: a primeira, relacionada com a Geografia Humanista, valoriza o caráter intencional, experiencial e afetivo, pelo qual o indivíduo ou grupo de indivíduos estabelece laços de identidade com uma porção do espaço. O lugar é entendido como expressão de vivência; e a segunda abordagem, ligada à tradição crítica ou radical, que começam a considerar o lugar como chave para a compreensão das transformações concretas engendradas pelo progressivo processo de globalização. Neste caso, o lugar é interpretado como expressão geográfica da singularidade (FONSECA, 2001. p. 97-98).

No caso da nossa investigação tomamos o lugar de acordo com essa segunda abordagem. Assim, demarcamos a contribuição de Carlos quando argumenta que:

O lugar contém uma multiplicidade de relações, discerne um isolar, ao mesmo tempo em que apresenta-se como realidade sensível correspondendo a um uso, a uma prática social vivida. Neste contexto o lugar revela a especificidade da produção espacial global, tem um conteúdo social e só pode ser entendido nessa globalidade que se justifica pela divisão espacial do trabalho que cria uma hierarquia espacial que se manifesta na desigualdade e configura-se enquanto existência real em função das relações de interdependência com o todo, fundamentada na indissociação dos fenômenos sociais (CARLOS, 2007. p. 22).

Nessa perspectiva apresentada por Carlos (2007) o lugar, num contexto atual de globalização, se relaciona a uma porção de espaço efetivamente vivida e revela as especificidades da produção global. No entanto, optamos por trabalhar com o conceito elaborado pelo professor Milton Santos no livro *A natureza do Espaço* de 1996, pois entendemos como mais operacional para o estudo das cidades pequenas. Nesse caso, utilizando o conceito de lugar, argumentamos que podemos considerar a cidade pequena um lugar mundial simples. Para Santos (1996, p. 258) o lugar é “[...] um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições onde cooperação e conflito são à base da vida comum”. Assim, a cidade é um lugar cuja diversidade nos ajuda a compreender a dinâmica complexa e as diferenças desse cotidiano compartilhado onde cooperação e conflito se situam na base da vida comum.

A cidade pequena é então o lugar onde se realizam atividades típicas do mundo urbano, mas sem a mesma densidade das cidades médias e grandes. Ainda segundo SANTOS (1996):

[...] as cidades atuais, sobretudo as metrópoles, aberta a todos os ventos do mundo, não são menos individualizadas. Esses lugares, com a sua gama infinita de situações, são a fábrica de relações

numerosas, frequentes e densas. [...] Em condições semelhantes, as grandes cidades são muito mais buliçosas que as médias e pequenas (p. 255).

Nesse contexto, a cidade grande é o lócus privilegiado da densidade, do múltiplo, da diversidade, onde o cotidiano é mais complexo e mais articulado as temporalidades do capitalismo globalizado atual. Já a cidade pequena é o lugar onde a densidade do comércio, dos serviços, do lazer, implica numa temporalidade menos instantânea mesmo que simultaneamente articulada ao capitalismo global. Assim, argumentamos que a cidade pequena pode ser investigada pela via do lugar, como lugar mundial simples.

Mesmo considerando o argumento de cidade pequena como lugar mundial simples, abrimos campo para outra possibilidade: a inserção das aglomerações urbanas na interface urbano-rural. No Brasil, um dos caminhos para a abordagem do tema do rural e do urbano foi a ênfase na ideia de novas ruralidades. Sobre as “novas ruralidades” autores como Carneiro (1998) e Coelho Neto (2013) nos oferecem importantes contribuições. Concordando com os argumentos desta primeira autora citada, Coelho Neto (2013, p. 157), enfatiza “a existência de mudanças na realidade rural brasileira que se manifesta em dois fenômenos: na intensificação da pluriatividade [...], e pela crescente busca de meios alternativos de vida no campo por pessoas oriundas da cidade”. Também em Lima-Payayá *et al.* (2021, p 389) localizamos o argumento de que “[...] é possível verificar a profundidade da imbricação entre o rural e o urbano e o conteúdo empírico daquilo que estamos propondo pensar: a presença tanto das ruralidades no urbano quanto das urbanidades no rural.

Já Rua (2006) trata das *urbanidades no rural* admitindo essas *urbanidades* como sendo todas as manifestações do urbano em áreas rurais, sem que se trate esses espaços como formalmente urbanos. Porém, podemos apresentar outra interpretação, defendemos a existência de *ruralidades no urbano*, perspectiva adotada no contexto da investigação que ora apresentamos parte dos resultados. Assim, conforme Henrique (2010), os conteúdos rural e urbano podem ser norteadores para as reflexões pertinentes à noção de diferentes cidades na contemporaneidade. Em perspectiva semelhante, podemos destacar:

Uma outra possibilidade de abordagem do tema da cidade pequena é a análise das aglomerações urbanas focando a inserção dessas aglomerações nos seus entornos imediatos, ou seja, no contexto dos espaços rurais. [...] Assim, teremos que considerar a cidade em questão no contexto da sua inserção na rede urbana regional e nacional investigando se, de fato, sua dinâmica e organização está fundada em aspectos eminentemente considerados do urbano ou se sua sobrevivência como cidade só é possível a partir de sua intensa articulação com o rural imediato (SILVA, 2018, p. 211-212).

Argumentamos que as atividades típicas do rural não se efetivam nas grandes cidades, com raras exceções como a agricultura urbana e periurbana, por exemplo, porque as metrópoles requerem uma *outra temporalidade* que a distância do universo rural. Por essa perspectiva é possível distinguirmos o que é urbano do que é rural. A cidade pequena se aproxima bem mais do rural, o que nos permite sugerir a sua conceituação a partir da análise dessa interface entre urbano e rural. Portanto, após considerar as três possibilidades anteriormente apresentadas:

[...] podemos trabalhar com a ideia de que a cidade pequena é um lugar onde o espaço está construído e organizado para e na interface entre o urbano e rural, onde as ruralidades estão mais presentes, mesmo quando consideramos as diferentes formas de inserção dessas pequenas cidades na rede urbana. Logo, argumentamos que um bom caminho para uma definição do que é uma cidade pequena é trabalharmos de forma conjunta os dois aspectos: a cidade pequena é um lugar mundial simples onde as ruralidades são presentes no cotidiano da vida urbana (SILVA, 2018, p. 216).

No caso da investigação que realizamos, adotamos como base essa ideia de que a cidade pequena é esse lugar mundial simples onde as ruralidades estão presentes no cotidiano, a ponto da mesma não sobreviver sem essa necessária articulação com o entorno rural imediato. Por isso, investigamos as atividades rurais no urbano e a participação dos residentes urbanos nas atividades rurais, aspecto central que apresentamos a seguir neste artigo.

As cidades pequenas do Território do Sisal: relação dos residentes urbanos com a zona rural

As cidades do Território do Sisal têm uma dinâmica típica da cidade pequena do semiárido nordestino, de forma que a economia dos pequenos centros gira em torno “[...] do comércio e serviços necessários ao atendimento da sua própria população, é constituída, basicamente, pelas atividades do tipo urbano, requeridas pela dinâmica de uma economia agrícola” (PONTES, 2012, p. 26).

Verifica-se que são cidades onde a presença do comércio, da prestação de serviços e de residências define uma cidade, sem um cotidiano baseado no movimento frenético das cidades médias e grandes, ou seja, predomina uma dinâmica de tempo mais lento, onde as distâncias permitem ir a pé (no caso do Território do Sisal nenhuma cidade possui um sistema de transporte coletivo urbano, por exemplo), a densidade das atividades não gera um trânsito intenso, e a forma de viver é totalmente diferente uma vez que *todos se conhecem* e as relações de vizinhança e parentesco estão na base da vida cotidiana. A essas características outra se impõe: a intensa articulação com o universo rural.

Foi justamente a partir dessa percepção de que a articulação com o rural é muito intensa que, na pesquisa que realizamos, perguntamos aos residentes urbanos se possuíam relações com a zona rural. Dos 1565 residentes urbanos que responderam ao nosso formulário, 1041 (67%) responderam que sim. Esse é um número bastante significativo e um indicativo dessa intensa e imediata relação entre as atividades realizadas pelos moradores das cidades pequenas e a zona rural. Fatores como proximidade ou mesmo as relações de parentesco, são responsáveis por um cotidiano impregnado pela interação urbano-rural.

Os números demonstram que, além de uma proximidade com o rural imediato, existe um envolvimento cotidiano com esse mesmo rural pela maioria dos residentes, fato que é facilitado por uma infraestrutura de deslocamento e mobilidade, via um grande número de estradas e corredores de acesso às propriedades rurais, necessária para o desenvolvimento de criatório de animais, pequenas hortas e pomares, por exemplo.

Parte dessas atividades, inclusive, tem foco comercial e possuem função de gerar

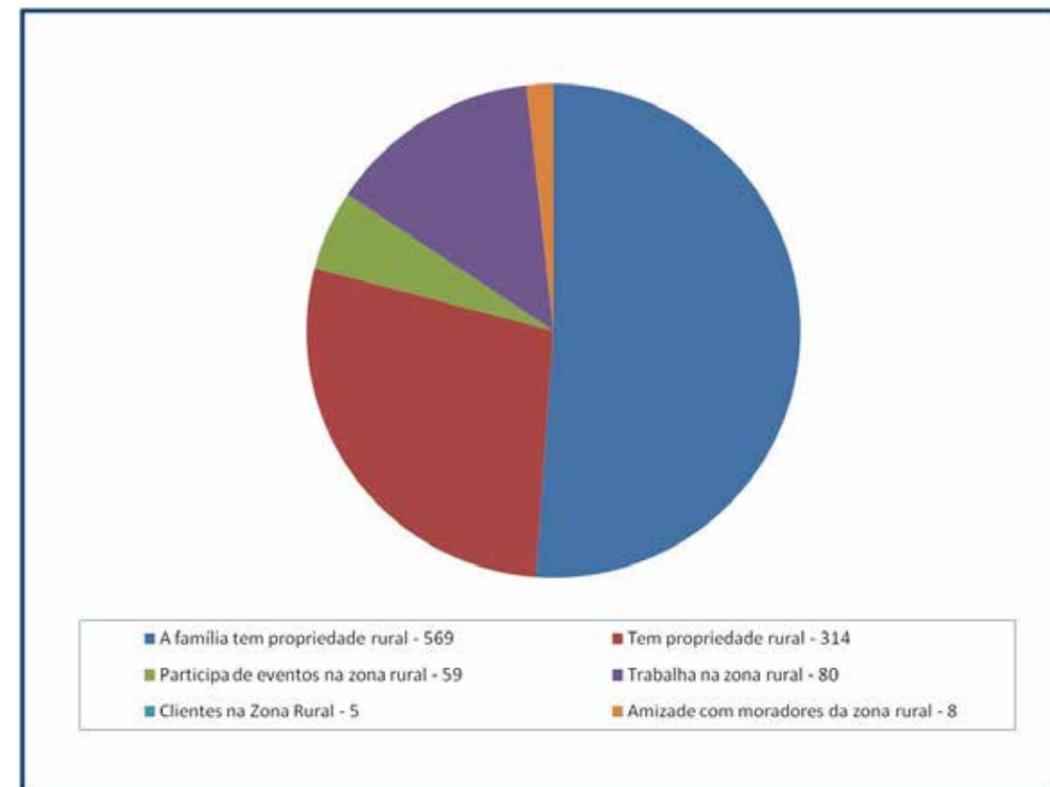


Figura 2 - Tipo de relação estabelecida entre os residentes urbanos e a zona rural do município de residência. Território do Sisal-Bahia. Fonte: Trabalho de Campo, 2017. Elaboração: Equipe GEOMOV/DCHF/UEFS - PPCTR.

renda, seja de forma complementar a renda familiar obtida por fontes como emprego fixo ou aposentadoria, por exemplo, ou mesmo como única renda da família. No entanto, é a natureza das relações identificadas que nos dá um indicativo mais sólido dessa dinâmica urbano-rural.

Desses 1041 residentes urbanos que constituem a maioria, 569 (55%), responderam que *a família possui propriedade rural* (Figura 2). Verificamos que aqueles nascidos na zona urbana⁶, que tem alguém na família que possui propriedade rural, também reconhece uma relação sua com esse rural imediato, seja por frequentar essas propriedades esporadicamente ou mesmo cotidianamente, seja por trabalhar nelas ou mesmo por se beneficiar indiretamente da atividade rural, como no caso de pessoas que residem no urbano e apenas estudam, mas são sustentados por familiares que tiram do rural a renda necessária para tal fim.

Também é muito comum que ocorra uma migração da zona rural para a zona urbana⁷, principalmente dos membros mais jovens das famílias que estão em busca de estudo, emprego ou mesmo de viver mais perto da oferta dos serviços da modernidade urbana. Esses residentes deixam a família, principalmente pais e avós que continuam vivendo na zona rural, mas não perdem o vínculo imediato. Daí que, quando perguntado se possui alguma relação com a zona rural, o residente urbano remete diretamente a rede de parentesco, respondendo que sua família possui propriedade, o que lhe faz sentir imediata relação com o rural.

6 A pesquisa verificou que dos 1565 residentes urbanos que responderam ao formulário 1047 (67%) nasceram na própria cidade de residência.

7 Nossa pesquisa, quando tratou do tema migração, constatou que entre os 1565 residentes urbanos que responderam ao formulário, 228 (15%) responderam ter nascido na zona rural e, portanto migrado para a cidade, indicando que essa mobilidade continua ativa e atual.

A segunda relação mais indicada foi *possuir propriedade rural*, 314 residentes (30%). Ou seja, a pessoa vive na cidade, mas tem uma parcela de terra no rural que destina para uma diversidade significativa de atividades, o que forja uma relação direta e cotidiana com o rural imediato. Justamente em função da relevância desse tipo de relação perguntamos a esses proprietários qual é a atividade principal exercida nas suas propriedades e obtivemos as seguintes repostas:

- agricultura: milho e feijão – 140 (45%), sisal – 18 (6%), fruticultura – 7 (2%) e mandioca: 3 (1%);
- pecuária: 69 (22%);
- agropecuária: 33 (11%);
- lazer: 8 (3%);
- nenhuma atividade: 27 (9%).

Esses dados nos indicam que nessas propriedades o exercício da agricultura, onde é comum um misto entre o plantio do sisal (todo o ano) e do milho, feijão e mandioca na época das chuvas, e da pecuária, onde o mais comum é a criação de gado bovino, ovino e caprino, ou mesmo as atividades de lazer, criam laços cotidianos entre os proprietários urbanos e a zona rural imediata, pois os mesmos se deslocam com frequência diária ou semanal para as propriedades com o objetivo de administrá-las, zelar pelo patrimônio ou mesmo, em vários casos, retirar delas a renda necessária para financiar parte dos gastos ou acumular algum capital.

O dia a dia urbano se vê inevitavelmente matizado pela dinâmica do rural, sendo comum vermos na dinâmica do lugar gente andando a cavalo, transportando animais em carros com reboque ou mesmo deslocando produtos da propriedade rural para a cidade. Assim, a vida tipicamente urbana, como a reconhecemos com base na cidade média e grande, precisa e deve ser revista à luz dessa imbricação do residente urbano com o rural imediato.

Também foi indicado como relação com o rural o fato do residente urbano *trabalhar na zona rural*. Importante destacar que quando perguntamos onde trabalham atualmente, se na zona urbana ou rural, 195 (13%) dos 1565 residentes urbanos afirmaram trabalhar na zona rural, no entanto, apenas 8% (80 residentes) indicaram que a relação que possui com o rural é o trabalho, ou seja, para 5% dos entrevistados, mesmo afirmando trabalhar na zona rural, não ocorre uma auto identificação com esse mesmo espaço. Em parte esse fato se explica porque existem na zona rural unidades industriais que processam o sisal e parte dos trabalhadores são residentes urbanos, que apenas fazem o trabalho sem se envolverem com a dinâmica do rural.

Outra forma de relação com o rural é a participação em eventos, indicada por 69 residentes (6%). Esses eventos são muito típicos da cultura regional e ocorrem nas fazendas e povoados, como por exemplo, as cavalgadas, festas de vaqueiros, argolinhas, corridas de cavalo e campeonatos rurais de futebol. Também foi indicado, com percentual bastante reduzido, ter amigos, clientes ou alunos na zona rural; ter casas para lazer e ser filiado ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Nota-se, portanto, que os residentes urbanos percebem sua relação com a zona rural a partir de uma diversidade de motivos que foram espontaneamente indicados. Para nós esses motivos indicam a realização de ações cotidianas que influenciam a forma como se vive numa cidade pequena: é a cavalgada do fim de semana que, após os participantes percorrerem trechos do rural, termina com uma festa na cidade; a cavalgada seguida de festa é, atualmente, uma das principais formas de lazer e de

manifestação da cultura sertaneja nessas cidades do Território do Sisal. Além disso, na via de mão dupla, as vaquejadas, as feiras de agricultura familiar e as manifestações dos trabalhadores rurais ocorrem na cidade, complexizando ainda mais a imbricação do rural com o urbano. Assim, é cada vez mais difícil demarcar nitidamente onde começa o urbano e termina o rural, elemento muito mais nítido e fácil de realizar quando olhamos a cidade média e grande.

As atividades típicas do rural exercidas pelos residentes urbanos

As atividades apresentadas como tipicamente rurais são a agricultura e a pecuária. No entanto, com a modernização capitalista do espaço, outras atividades como a indústria e o turismo, por exemplo, também passam a ser realizadas no rural, de forma que podemos falar, na contemporaneidade, em uma multifuncionalidade do espaço rural. Destacamos, para ratificar o imbricamento entre o rural e o urbano, que nas cidades pequenas ocorre uma manutenção das atividades que são típicas do espaço rural, o que confere ao espaço da cidade uma dinâmica diferenciada que raramente encontramos nas cidades médias e grandes.

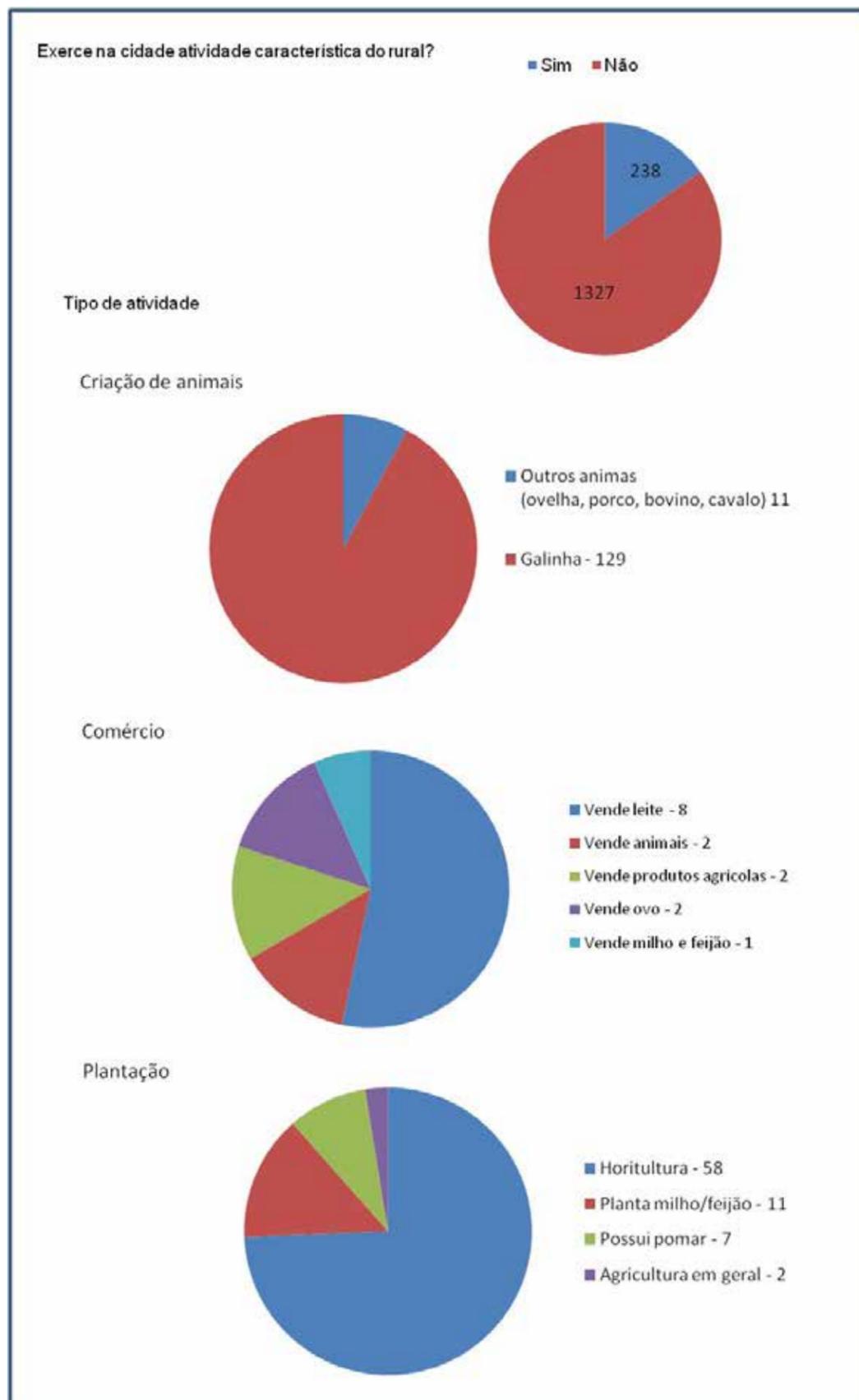
A quantidade de pessoas que vivem na cidade e que realizam atividades típicas do rural (figura 3) é expressiva. Constatamos que 15% dos residentes urbanos se envolvem diariamente com atividades da agropecuária.

Com relação às atividades apontadas pelos residentes das cidades como tipicamente rurais, mas que são realizadas nas cidades, geralmente nos quintais das casas ou em terrenos localizados no perímetro urbano, podemos destacar:

- Na agricultura a horticultura é a atividade realizada pela maioria das pessoas entrevistadas (58; 74%), seguido pelo plantio de milho/feijão (13; 17%) e pomar (7; 9%). É comum que esses produtos sejam vendidos nas feiras livres⁸ gerando uma renda complementar;
- No caso da pecuária, a criação predominante é a de galinha (131; 92%), mas também verificamos a criação de ovelha, porco e até mesmo de grandes animais como bovinos e equinos;
- No caso da comercialização de leite, ovos, milho, feijão ou até mesmo máquinas agrícolas, o residente urbano considerou essas atividades como sendo tipicamente do espaço rural.

Importante destacar que a realização dessas atividades é facilitada pela tradição, nas cidades pequenas do Território do Sisal, de construção de casas com amplos quintais, fenômeno resultante tanto da tradição de morar em casas e não em apartamentos, quanto do preço pago pelo solo urbano, uma vez que nessas cidades pequenas o preço de um lote é mais acessível à maioria dos residentes do que nas cidades médias e grandes.

⁸ As feiras livres são típicas das cidades do Nordeste Brasileiro, mesmo as cidades grandes, e consistem em mercados itinerantes, com dia da semana marcado para acontecer, onde comerciantes montam barracas e oferecem produtos variados, de feijão a panelas de alumínio, de galinhas a equipamentos eletrônicos. Como já afirmou Luiz Gonzaga, quando compôs uma música sobre as feiras livres nordestinas: “de tudo que ai no mundo tem na Feira de Caruaru”.



Além disso, a realização dessas atividades tem relação com o costume e com os hábitos alimentares, ou seja, as pessoas continuam a valorizar o ato de comer um ovo da galinha de quintal, de matar uma galinha do quintal quando chega uma visita e opõem abertamente a qualidade desse tipo de alimento ao ovo e a galinha produzidos em granjas, por exemplo. Na direção dessa tradição, vários residentes criam tanto para consumo da família como para vender na feira livre ou aos vizinhos, gerando uma quantidade significativa de pequenos negócios.

Aliado a esses aspectos anteriormente destacados, existe também a valorização e importância que tem sido dada aos produtos sem agrotóxicos e a criação de animais de forma extensiva, respeitando o tempo natural de crescimento que resulta num produto comprovadamente mais saudável. Na cidade pequena, principalmente nas do Território do Sisal onde já é amplo o acesso à informação via Internet, rádio e televisão, é cada vez mais crescente um discurso que valoriza os produtos da terra e isso influencia sobremaneira a manutenção dessas atividades típicas do rural sendo realizadas na zona urbana.

Considerações Finais

Argumentamos que para analisarmos o espaço da cidade pequena no Brasil é imprescindível olhar não apenas o fato urbano; é fundamental olhar o rural imediato, justamente porque as cidades pequenas não se sustentam, enquanto *locus* de moradia, da realização de serviços, da efetivação da administração públicas, etc., sem uma intensa articulação com o rural, de onde provém a maior parte da geração da riqueza e a pujança econômica dos municípios.

Esse argumento também se sustenta a partir dos dados colhidos na nossa pesquisa que indicam uma relação imediata entre os moradores das cidades pequenas e o espaço rural, bem como as atividades típicas do rural que são realizadas nas cidades pequenas demonstram o quanto é importante o espaço rural para os moradores das cidades, a ponto desses, mesmo morando na cidade, continuarem tendo muitos hábitos tipicamente rurais.

Assim, esse imbricamento, ratifica a nossa ideia inicial de que não é possível entender de forma ampla as cidades pequenas do Território do Sisal sem entender também o espaço rural.

Os dados deixam evidente, quando verificamos que dos 1565 residentes urbanos, que responderam ao nosso formulário, 1041 (67%) responderam que possuem alguma articulação com o rural e 234 (15%) se envolvem diariamente com atividades da agropecuária. Os limites deste artigo não nos permitem registrar com imagens, mas quando olhamos a paisagem nessas cidades não vemos o fervilhar do trânsito, mas galinhas, cabras, cavalos e vacas atravessando as ruas ou mesmo pastando em terrenos vazios; não vemos o frenesi do vai e vem do comércio ou da saída das fábricas, mas sim pessoas andando a pé para o trabalho e para os sítios e roças. Ou seja, vemos cidades onde o tempo lento impera no cotidiano comum de cada morador. Lugares mundiais simples onde é intensa a articulação urbano e rural na definição das diversas formas de organização espacial.

Referências

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos, Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-75, out. 1998.

COELHO NETO, Agripino Souza. Política de desenvolvimento territorial rural no Brasil: limites da concepção de ruralidade e de territórios rurais. *Campo-Território: Revista de Geografia Agrária*, Uberlândia, v. 8, n. 16, p. 152-169, ago. 2013.

FONSECA, Antonio Ângelo Martins da. A emergência do lugar no contexto da globalização. *RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico*. Ano III • Nº 5 • Dezembro de 2001 • Salvador, BA

HENRIQUE, Wendel. Diferenças e repetições na produção do espaço urbano de cidades pequenas e médias. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Orgs). *Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso*. Salvador: SEI, 2010. Parte I, 1º cap. p. 45-58. (Série estudos e pesquisas, 87).

LIMA-PAYAYA, Jamile; COELHO NETO, Agripino Souza; SILVA, Onildo Araujo da; SANTOS, Edinusia Moreira Carneiro Santos; RODRIGUES, Maria da Paz; ARAUJO, Oriana. Espaço e lugar, urbano e rural: demarcando conceitos necessários à investigação da cidade pequena. *Ciência Geográfica*. Bauru. XXV - Vol. XXV (1): Janeiro/Dezembro, 2021 p. 383-394.

PONTES, Beatriz Maria Soares. Contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos nordestinos. In: *Cidades médias e pequenas: contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos*. (Série estudos e pesquisas, 94). Salvador: SEI, 2012.

RUA, João. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. *Campo – Território Revista de Geografia Agrária*, Uberlândia, MG, v. 1, n. 1, p. 82-106, 2006.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 1996.

SILVA, Onildo. Araujo. da. Cidade pequena: possibilidades de definição. In: BAQUEIRO, Paulo Roberto (Org) *Cidades médias e pequenas: reflexões sobre dinâmicas espaciais contemporâneas*. Curitiba: Prima: 2018.